

PSICANÁLISE E LITERATURA: NOTAS DE LEITURA

1. Sarah Kofman: Crítica Literária e  
"romance analítico"
2. Frederick Crews: "Need satisfying device"
3. Michèle Montrelay: A palavra da mulher, "contidamente inexplorado"

São notas, por vezes simples resumos de leituras, que me serviram para uma conferência destinada a um público de mulheres. Publicá-las agora é esperar que elas sirvam para uma retomada da questão por um público leitor composto de colegas interessados neste tipo de documentação.

Célio Garcia

Belo Horizonte

UFMG

## FREUD COMO CRÍTICO LITERÁRIO

Freud atribuía grande importância aos autores de ficção, considerados *testemunhas da verdade analítica* por eles conhecida, ainda que de forma obscura. A teoria (psicanalítica) é o complemento necessário para tornar inteligível o texto literário, pois este último vai desempenhar tão somente papel de prova. Se o texto original fosse esvaziado de todos os seus elementos poéticos e retóricos, que restaria do texto original? Nada... ou quase nada. Na verdade esta perda seria uma perda negligenciável, pois todos estes elementos estão fadados ao desaparecimento, quando se revela a verdade psicanalítica. Esta perda só é deplorável do ponto de vista da função ideológica desempenhada pelos textos literários, isto é, função de ilusão graças à qual o homem pode se dedicar à obra da civilização. A arte tem um lugar privilegiado no mundo cultural, onde o adulto como a criança que ele foi, podem gozar, sem escrúpulos, de seus fantasmas, exatamente porque a arte é um fator de conciliação que camufla o mal-estar da civilização e que contribui através deste procedimento para fazer progredir esta mesma civilização. Assim, a sociedade faz do artista um "deus".

As construções, as criações produzidas por Freud a propósito de textos literários não são o equivalente de um novo romance, se assim fosse, o "romance analítico" não passaria de mera hipótese a ser alinhada em seguida a uma primeira e assim por diante. Mais do que interpretação ou interpretações de um texto que ele (romance analítico) deixaria intocado, ele é, na verdade, construção de um outro texto. Texto que se apodera de elementos do original, deslocando-os para outro esquema, para outra trama, ao se elabora - rem modelos e teorias. Texto que transforma o texto inicial em um fato científico, susceptível de ser explicado pelas leis e categorias psicanalíticas. O texto de Freud tem uma missão desmitificadora: ele realiza (pela primeira vez) a morte do autor como pai da obra de arte. Ele denuncia o pacto de cumplicidade entre o público e o autor. Por outro lado, a inteligibilidade de uma obra de arte, contrariamente ao que se pensa, continua Freud, pode reforçar o prazer estético.

"...algumas obras de arte se impõem a nós... Somos dominados por elas, não saberíamos dizer o que sentimos por elas... Provavelmente baseados nesta observação, alguns críticos consideram

esse sentimento de desamparo de nossa inteligência como condição necessária para apreciarmos os efeitos de uma obra de arte sobre nós...DIFICILMENTE ACREDITARIA NUMA SEMELHANTE CONDIÇÃO".

Ao prazer estético viria se somar o prazer do conhecimento. Ao prazer do fantástico, Freud vem substituir o prazer de decifrar o sintoma, o prazer de compreender as ligações entre uma "criação" aparentemente arbitrária e a realidade quotidiana ou o passado do artista. No entanto, sabemos que as posições de Freud sobre a arte e a literatura variam de acordo com os textos que ele mesmo escreveu. No texto "Unheimliche" é permitida a reconstituição de uma lógica onde a literatura não é mais concebida como uma simples ilustração de um sentido (significado) presente já antes, na ficção teórica da Psicanálise. A Literatura vem a ser uma memória original e específica, irredutível a qualquer outra. O texto literário não seria mais a projeção de formada de fantasmas inconscientes que lhe preexistiram. O fantasma inconsciente se estrutura e se constitui "après coup" (nachträglich) a partir do texto literário.

A hipótese da pulsão de morte, o novo conceito de repetição que esta hipótese implica, introduz a idéia de uma mimese originária. Temos aqui uma referência onde se elaboram considerações sobre o mesmo e o outro. Roland Barthes tem insistido sobre a repetição do mesmo, estereótipo "bloco de ideologia" presente na novidade, na criação. Robbe-Grillet, de seu lado, tem apontado para seus personagens planos, sem história. Sobre o filme "O Ano Passado em Marienbad", considera que ainda faz concessões (mais exatamente ao realizar o filme, Alain Resnais acrescentou pequenos detalhes!); assim a reconstituição da história ainda era possível, dando ao personagem e ao público a falsa impressão de se constituir um sujeito que se apropriasse da própria história pessoal, falando-nos em seu nome.

Podemos fazer um paralelo com a cura analítica: alguns autores pensam que a cura dá ao sujeito a oportunidade de se constituir em seu próprio nome...

Aqui o texto literário esclarece a cura psicanalítica, Robbe Grillet ajudando a entender o que se passa na cura analítica.

Mas não vamos nos alongar sobre a hipótese da pulsão de morte. Ela nos levaria a considerações cruciais para a compreensão do que é a Psicanálise. Mas esta é uma noção nem sempre aceita pelos próprios psicanalistas que assim preferem amaciar o texto de Freud... Amaciar o "decifrador de sintomas". Desconhecer a pulsão de morte significa

manter a leitura de Freud onde a interpretação de um texto reenvia sempre a uma explicação - como desejava Freud no início - como faziam crer suas considerações sobre o papel do texto literário, susceptível de trazer uma prova para as categorias freudianas.

Mas a dificuldade existe, mesmo não se optando pela hipótese da pulsão de morte. Por exemplo, em autores recentemente às voltas com a reavaliação da contribuição de Freud para a compreensão da obra literária, para a análise do texto literário.

Vamos mencionar Frederick Crews que nos ofereceu um balanço sobre sua convivência com o texto de Freud, fazendo verdadeira auto-crítica no livro "Out of my system: Psychoanalysis, Ideology and Critical Method".

Frederick Crews sempre esteve atento aos momentos fundamentais do pensamento freudiano. Não sendo terapeuta, está distante das preocupações de eficácia curativa da prática da Psicanálise. E esta é mais uma razão para considerarmos seu depoimento relevante, sem nenhuma contaminação com os compromissos de uma atividade profissional que vem a ser a do psicanalista, de quem se espera uma resposta com relação ao problema da cura.

Crews sempre se opôs a uma utilização do texto freudiano com fins de um estabelecimento de um dicionário, de uma catalogação de sintomas. A essa interpretação do texto literário ele se refere (denunciando-a) em termos de reducionismo, ou ainda, mais recentemente, em termos de determinismo. A uma primeira posição já crítica, acrescenta uma segunda, como possuindo "extensive consequences for the defense of free institutions". Aqui surge o tema da liberdade, das instituições livres.

Li o livro de F. Crews (de sugestivo título "Out of my system..." ) na Califórnia, e da rua e dos cartazes da Universidade onde me encontrava, dos inúmeros anúncios sobre experiências terapêuticas, vem o mesmo motivo "liberdade", "defesa de instituições livres", inclusive a instituição CORPO - (descoberta californiana, por excelência, o corpo é uma instituição como outra qualquer).

Vamos examinar como F. Crews resolveu seu problema em relação a Freud e o determinismo por ele identificado no texto freudiano. Resenhas já publicadas na imprensa norte-americana, nem sempre são amenas em suas avaliações do livro de Crews. Mas, vestindo-me de simpatia, sem que para isso faça esforço, assim resumiria a tese de Crews:

- A produção literária vista através da ótica freudiana, levou o crítico a considerar a literatura quase exclusivamente com um "need-satisfying device". Tudo é interpretado, referido a uma experiência infantil, a um desejo sexual. No caso de Crews para situar o comentário do próprio Autor, seu trabalho, como crítico não se limitava a uma tradução termo a termo ou a uma submissão a um dicionário de símbolos. Ao contrário, ele próprio denunciou este abuso da interpretação.

F. Crews propõe que a atividade literária seja um "meaning-generating device". Esta a grande novidade para o crítico F. Crews. Claro que escritores já haviam descoberto, redescoberto, inventado, praticado (ou sempre o souberam) essa prática da liberdade. Mas, enfim, estamos lendo o livro de Crews e ele está nos contando como chegou até o ponto que nos interessa.

Entendo "meaning", ao ler Crews, como sendo um aspecto importante, frequentemente esquecido ou negado pelo formalismo em ciências dedutivas nos Estados Unidos; entendo "meaning" como traduzindo a possibilidade de inventarmos um novo sentido, novo approach para os problemas que enfrentamos, sabendo-se que a retórica dos mais velhos não é mais confiável.

Ao lado de "meaning", encontro "generating". Entendo "generating" como uma reação ao behaviorismo que nos proíbe de nos questionarmos sobre o encadeamento dos acontecimentos, obrigando-nos a uma escala (pobre), restrita ao estímulo-resposta. Gerar quer dizer inventar livremente.

Mas, F. Crews não nos disse só isso. Ele vai justificar sua posição frente a Freud, valendo-se de textos escritos por psicanalistas. Donde nova dificuldade. Qual seria o remédio para o reducionismo? Seria possível encontrar um remédio dentro (sublinhado no texto por Crews) da Psicanálise contemporânea? F. Crews responde: a esperança para este remédio reside na Psicologia do Ego. Explica que está se referindo a Anna Freud, a H. Hartmann, a Loewenstein e Kris, a Rapaport e Erickson. Apesar de algumas restrições em relação a esta Psicologia, a "zona livre" de conflito do Ego termina por ser considerada por Crews como uma garantia da perspectiva "meaning-creating".

Acontece porém que este tipo de Psicanálise foi amplamente denunciado como sendo o tipo mais apurado de reacionarismo, a serviço de uma sociedade que se defendia atrás de seus psicanalistas e ainda dispunha de uma "intelligentia" para fabricar teorias capazes de manter por mais tempo o "status quo". Em poucas palavras, a "zona livre de

conflito" do Ego correspondia, sem mais nem menos (como por coincidência) às conveniências da sociedade norte-americana, que assim escapava incólume de qualquer arranhão, nesse corpo a corpo a que nos obriga a leitura de Freud.

Voltando a Crews: "um freudiano não reducionista, se fosse possível, terminaria finalmente por se afastar por força da própria ascese ou espírito de revisão, das hipóteses que instauram o inconsciente em primeiro lugar". Pois bem, parece ter sido esta a etapa alcançada pela Psicologia do Ego... Meus votos de que não aconteça o mesmo com Crews.

Passamos em revista uma insatisfação da crítica literária, valendo-nos de F. Crews. Demonstramos nossa insatisfação em relação à solução aventada por F. Crews. Gostaria de examinar um último aspecto:

- A leitura que faz Freud de um texto literário, onde o ENIGMA é a MULHER.

A tragédia de Hebbel, "Judith e Holofernes", analisada por Freud, no texto "Tabu da Virgindade" nos oferece esta oportunidade.

Ao estudar o tabu da virgindade, Freud analisou a tragédia de Hebbel intitulada JUDITH. Trata-se de um tema bíblico, adaptado para o teatro, onde o autor acrescentou (poder-se-ia dizer: restituiu, como quereria Freud) o caráter sexual contido nas entrelinhas da tragédia. A cabeça cortada de Holofernes, general vitorioso do exército assírio, representa a vingança da mulher judia contra o inimigo. Mas também, reação da mulher Judith em defesa da virgindade ameaçada, reação após uma relação sexual não consentida. Reação que assume aos olhos de Freud caráter de elaboração de fantasmas relativos ao tema da castração. Judith representaria, assim, a figura da mulher invejosa ou desejosa de ter também um pênis, a ela só restando a cabeça de Holofernes.

Em "Tabu da Virgindade" Freud estuda a questão relativa aos sentimentos e reações demonstrados por povos primitivos frente à virgindade. Para estes povos a defloração é um tabu. Ela é praticada fora do casamento, cabendo a outros que não o marido o rompimento do hímen com ou sem coito, dependendo da etnia estudada. Este costume certamente será tido por nós como paradoxal, já que entre os povos civilizados, ao noivo-esposo cabe deflorar sua noiva-esposa. A defloração acarreta responsabilidade por parte do homem e sujeição por parte da mulher. A Psicanálise vai tentar explicar o que à primeira

vista parece simples preconceito.

Freud trata o texto literário como um equivalente de um texto psíquico: os mesmos processos inconscientes são postulados. Ambos são tratados como sintomas a serem decifrados. Quando seu método se assehhoreia do problema, quando ele considera que fez o contorno da situação, então ele se permite passar de um texto para outro, de uma época para outra.

Assim a mulher civilizada que experimenta muitas vezes decepção após uma primeira experiência sexual, pode ser assimilada a outros casos estudados identificados em outras culturas, por exemplo, povos ditos primitivos: deflorar a esposa seria atrair a hostilidade da jovem mulher ferida no seu narcisismo o qual se esconde na inveja do pênis. A tragédia de Hebbel retoma o tema bíblico, restituindo-lhe o fundamento sexual que havia sido retirado no Antigo Testamento. A verdade psicológica, para Hebbel, era de importância primordial; permitindo - se ele certa liberdade quanto à Verdade histórica. Na Bíblia não se faz alusão à noite de núpcias de Judith e Manassês, quando o marido se mostrou impotente. Mas mesmo na Bíblia é possível admitir uma ligação entre a decapitação de Holofernes e o tabu da virgindade. No texto de Hebbel, fica clara a ilustração da hostilidade demonstrada pela mulher frente ao ataque à sua virgindade. Hostilidade da mulher, fixação ao pai, narcisismo e inveja do pênis serão as categorias freudianas invocadas. Mesmo quando fala em Manassês, Judith sugere o mesmo conflito: "Algumas vezes seu olhar me procurava envolvido numa expressão que me fazia estremecer; sentia-me levada a agarrá-lo pelo pescoço e esganá-lo por medo, por legítima defesa". Finalmente é a inveja do pênis que é elevada à categoria principal; nem decepção, nem fixação ao pai seriam bastantes para a análise final. A cabeça de Holofernes que ela guarda, contrariamente ao texto bíblico onde a cabeça do general é exposta nas muralhas, dá significação ao seu ato: solução imaginada na fantasia, para a inveja do pênis. De fato, Judith se apodera da espada de Holofernes, castra-o, diria Freud, decapitando-o, tomando para ela o falo.

Mas aqui, vamos refletir sobre essa passagem do plano dramático para o plano metapsicológico operada por Freud ao procurar encontrar no texto literário comprovação para a Psicanálise. Poderíamos aventar que se a literatura pode (após ser reduzida) dobrar-se a uma interpretação psicanalítica, seria em virtude de concepções que tinham Freud e seus contemporâneos a respeito da mulher, no caso estudado. A adequação da cousa literária com a cousa psicanalítica, longe de ser

um indício de verdade, é o testemunho de uma tradição cultural e ideológica a dominar ambas. Identidade de preconceitos que se impõe como força de verdade.

Poderíamos nos perguntar sobre as idéias de Hebbel sobre a mulher e a sociedade. Não o faremos longamente, aqui. Lembraríamos dois ou três detalhes. Hebbel produziu uma versão dos Niebelungen, considerada a mais fiel adaptação dramática do poema épico da Idade Média germânica. A heroína Brunhild que nos fala da vergonha que ela experimentaria ao ser possuída pelo esposo, é uma mulher impossível de se conquistar, uma virgem guerreira, que finalmente, exige a morte de Siegfried, o cavaleiro invencível. Hebbel acrescenta ao texto original, detalhes que vêm a ser os motivos pelos quais Brunhild exige a morte de Siegfried. Gunther casa-se com Brunhild, Siegfried que se fazia passar por vassalo de Gunther pretende se casar com Kriemhild irmã de Gunther. Brunhild protesta contra o casamento de sua "irmã" com um vassalo. Ela Brunhild declara então que irá até o altar com Gunther, mas que se recusará a ele na noite nupcial. Hagen que acompanhava os heróis por ocasião da viagem a Islândia, pede a Siegfried que desempenhe um papel bem difícil - ele deverá entrar no quarto do rei e da rainha Brunhild, "mettra Brunhild à la raison" e ceder o lugar a Gunther.

Na canção épica é o próprio Gunther que pede conselho a Siegfried já que tinha sido rechaçado numa primeira experiência. Siegfried vai se oferecer em ajuda.

Na cena seguinte - Kriemhild encontra no quarto nupcial um cinto; a princípio, ela pensa ser um presente de Siegfried. Com o constrangimento de Siegfried, fica claro que o cinto era proveniente de Brunhild, de quem ele o tinha arrancado durante a luta noturna, para logo em seguida esquecê-lo no quarto do casal. O ciúme vai provocar uma rixa entre as irmãs; finalmente, Hagen é encarregado de assassinar Siegfried o culpado de tudo. A maneira como Hebbel aborda o tema - ciúme e curiosidade da mulher - é considerada pelo responsável da edição crítica das obras de Hebbel, Raymond Dhaleine, como sendo uma demonstração do conhecimento que este autor tinha a respeito da psicologia femina (sic) "Hebbel montre ici toute la connaissance des femmes...la femme allant progressivement de la simple curiosité à la jalousie". p. 20, comentário introdução à "Os Niebelungen". Poderíamos dizer: Freud, Hebbel e o crítico estão de acordo.

O próprio Freud citando Sadger (1912) comentador da obra de Hebbel, lembra que numa penetrante análise, este estudioso da obra de Hebbel

bel mostra como a escolha do material com que trabalha Hebbel é determinada pela história de seus complexos com relação aos pais; Hebbel, acrescenta Freud, tomava sempre o partido da mulher na "bata - lha do sexo".

Não nos deixemos enganar, por um certo Freud e por freudianos incertos. No cotejo Psicanálise e Literatura vamos afastar interpretações e hipóteses por demais marcadas pelo aspecto masculino (podemos falar em em falocracia). De fato a Psicanálise criada e organizada por homens, só via na mulher uma figura a quem faltava algo, justamente o que assegurava ao homem o exercício do poder. O falo tem sido adorado como representante da masculinidade, da organização, da eficiência. Quanto à mulher, alguma coisa falta a ela, só lhe restando a inveja ou a vontade de ter um e de ser como o homem. Tem sido assim (até bem pouco tempo), quando se descobriu um continente a ser explorado, ou seja, o estatuto da mulher na Psicanálise, verdadeiro enigma. Aqui nos lembramos das palavras de Freud em "Novas Conferências": "Meus senhores vamos hoje nos ocupar de um enigma - A MULHER.

É verdade que a Psicanálise teria nascido de uma atitude impávida de Freud diante dos desejos de suas pacientes, quando ele continuou a atendê-las mesmo sem responder à questão que ele se punha "que quer uma mulher". (Enquanto seu colega Breuer temendo as consequências dos sentimentos da paciente, ou seja como é chamado o amor de transferência, deixou de atendê-la, interrompendo o tratamento, deixando passar uma oportunidade de descobrir juntamente com Freud os primeiros achados da Psicanálise). A atitude impávida de Freud, não nos autoriza a transformar sua perplexidade em cegueira, para nós. Pelo contrário já sabemos que toda descoberta é acompanhada de uma exclusão: assim o preço pago pela descoberta do Complexo de Édipo e a Interpretação dos Sonhos foi o silêncio sobre o enigma "o que quer uma mulher?".

Retomando a questão em termos precisos, devemos dizer:

1. Para Freud a libido é idêntica para os dois sexos. E mais, ela é sempre de essência masculina. Nesse caso, acrescenta, o clitóris, parte externa e erétil, parte homóloga ao pênis, vem a ser o órgão erótico na menina.

2. Para Jones e a escola inglesa (Karen Horney, Melanie Klein) a li

bido feminina é específica. A menina atribui papel privilegiado ao interior do corpo, por conseguinte à vagina.

Aqui vale um esclarecimento: os estudos sobre a inveja do pênis afastam a idéia simplista de uma inveja por uma coisa, fosse ela valorizada como o é na sociedade falocrata. A inveja do pênis (em Judith, em povos primitivos ou outros) refere-se à uma eficácia simbólica.

Podemos tentar uma resposta à pergunta: "o que quer uma mulher?" Que quer uma mulher? - antes de tudo, ser reconhecida na sua identidade sexual, ou ainda, o reconhecimento pelo homem, de sua palavra de mulher, palavra que conserva mais do que qualquer outra, valor de representante do inconsciente, e somente acessoriamente entra no sistema de significações.

Voltemos ao assunto: Literatura e Psicanálise. Um homem quando escreve, ele põe em jogo o pênis, traço que ele carrega em seu corpo. Com ele o homem articula a substância das palavras. Ao escrever, o homem se separa dos outros através das palavras. A todo custo, ele tenta fazer com que esta substância se ligue ao prazer, sinal da feminilidade presente nele.

Uma mulher, quando escreve, tem outra relação com as palavras: estas são prolongamento da mulher-escritora. E se é verdade que a mulher entra em angústia quando lhe cabe tomar a palavra, é porque ela sabe que o espaço onde vai ressoar a palavra certamente vai deformar, até recusar esta mesma palavra. Uma mulher não se separa das palavras - estas não contêm nenhum segredo que tivesse sido subtraído à mulher-escritora (como no caso do homem). As palavras aqui não são objetos que tocamos, que manipulamos, até nos aproximarmos deles com curiosidade, misto de prazer e respeito o que é próprio do homem escritor. A palavra da mulher representa, aponta para o fato de que a sexualidade femina pode ser chamada e foi chamada "continente inexplorado", por Freud, não por insuficiência da pesquisa, mas por que finalmente ele é inexplorável, como agora sabemos.

Finalmente uma conclusão: dizer que uma obra de arte prolonga o Inconsciente ou é uma projeção do Inconsciente daquele que a produz, é inexato. Necessário pensar que este Inconsciente vem a ser deslocado, a obra de arte ocupando este lugar. Ela, obra de arte, vem a ser a verdadeira cena onde funcionam as pulsões, onde o material bruto, ao tomar a inflexão do signo linguístico, funciona como um buraco. Assim temos que nos contentar em falar sobre os contornos.